

**Cartas e confidencialidades:  
de estudantes da educação básica ao Corpo [Carne] Travesti**

*Letters and Confidences:  
from basic education students to the Travesti Body [Flesh]*

Joanna LEONI<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo explora a relação entre estudantes da educação básica e uma professora travesti, utilizando cartas e confidências para compreender as interações e desafios enfrentados no contexto escolar. As cartas, entregues de forma espontânea, revelam um misto de curiosidade, empatia e apoio, contrastando com a discriminação que a professora enfrenta em outros contextos. Estudantes expressam suas experiências de identidade de gênero e orientação sexual, compartilhando suas lutas por aceitação e o desejo de serem reconhecidos de forma autêntica. As narrativas destacam a complexidade das identidades presentes na escola. O estudo utiliza a metodologia de análise discursiva de Fairclough (2003), examinando as cartas entregues pelos estudantes à professora travesti.

**Palavras-chave:** Cartografia. Corpo[carne]. Travesti. Educação.

**Abstract**

This paper explores the relationship between basic education students and a travesti teacher, using letters and confidences to understand the interactions and challenges faced in the school context. The letters, delivered spontaneously, reveal a mix of curiosity, empathy, and support, contrasting with the discrimination the teacher faces in other contexts. Students express their experiences of gender identity and sexual orientation, sharing their struggles for acceptance and the desire to be authentically recognized. The narratives highlight the complexity of identities present in the school. The study uses Fairclough's (2003) discourse analysis methodology, examining the letters delivered by the students to the travesti teacher.

**Keywords:** Cartography. Body[flesh]. Travesti. Education.

**Introdução**

Como Corpo[carne] Travesti, compreendemos como um corpo transgressor que se contrapõe às normas de gênero e às expectativas sociais em relação à identidade de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/SC).  
E-mail: joleoni.artista@gmail.com

gênero e à sexualidade. Trata-se de um corpo que se constitui a partir da experiência de uma pessoa Travesti, que busca afirmar sua identidade e subjetividade em um contexto que a nega ou invisibiliza. Para além do conceito Corpo[carne] (Gottadi, 2021), o Corpo[carne] Travesti é um corpo vivido e experienciado de forma singular, atravessado por relações de poder e de resistência, que se manifestam tanto na dimensão simbólica quanto na dimensão física.

A presença do Corpo[carne] Travesti em determinados espaços, como a escola, ainda é vista como ameaça à norma cis centrada. York (2020) afirma que “As violências subjetivas (além das objetivas) ocorrem em função das pessoas trans/travestis não serem referências humanas [...]” (York, p. 21, 2020), assim, ao acessarmos estes espaços, certos postos, diversos constrangimentos são enfrentados, bem como piadas de “[...] baitolas, boiolas, bichas e travecos [...]” (York, p. 21, 2020).

Os estudantes, ao invés de perpetuarem o mesmo tipo de violência que a professora encontra em outros contextos, começaram a enxergá-la de forma mais humanizada. A relação pedagógica estabelecida se tornou uma ponte para o entendimento e a aceitação. Essa conexão se manifestou através de cartas e confidências, onde os alunos compartilharam suas reflexões, dúvidas e apoio. As cartas recebidas demonstram não só uma curiosidade saudável, mas também um respeito crescente por alguém que, de forma visível e corajosa, desafiava as normas estabelecidas. É neste contexto que este artigo discute essas cartas e confidências, usando-as como uma lente para compreender a relação entre o Corpo[carne] Travesti e os estudantes na educação básica. As cartas, aqui analisadas, refletem como a educação pode ser um espaço de transformação e acolhimento, especialmente quando se trata de lidar com questões de diversidade de gênero e identidade.

### **Modos de pesquisa**

Para Preciado (2020), um processo de transição de gênero, em uma sociedade marcada pelo binarismo sexual e espaços segmentados por gênero, significa “[...] cruzar a mais violenta das fronteiras políticas inventadas pela humanidade.” (Preciado, 2020, p. 33), neste sentido, este trabalho pretende discutir os lugares cujo este corpo acessa: a docência na escola pública em um processo de oposição ao gênero imposto.

Uma pesquisa qualitativa, a qual, se relaciona e estuda aspectos do comportamento humano, via aos fenômenos. Bauer e Gaskell (2013), se referem àquela que lida com interpretações das realidades sociais e utiliza como estratégia textos, interpretações, depoimentos e demarcam um território também de pesquisa etnográfica no estudo de determinado grupo social, aqui a comunidade LGBTQIAP+<sup>2</sup>, mais especificamente o Corpo[carne] (Gottardi, 2020), e agora o Corpo[carne] Travesti.

Uma pesquisa que segue uma abordagem documental. Conforme Kripka, Scheller e Bonotto (2015),

[...] a pesquisa documental utiliza documentos que não passaram por tratamento analítico prévio, ou seja, que não foram previamente analisados ou sistematizados. O desafio nessa técnica de pesquisa reside na capacidade do pesquisador de selecionar, tratar e interpretar as informações, buscando compreender a interação com a fonte. (Kripka, Scheller, Bonotto, 2015, p. 57).

Nesse contexto, compreende-se que as cartas analisadas são consideradas documentos primários, oferecendo evidências que contribuem para esta escrita.

A metodologia escolhida para esta pesquisa tem como objetivo compreender e analisar as experiências vividas pelos Corpos[carne] Travesti no contexto da educação. Busco compreender os significados e as percepções dessas vivências a partir da perspectiva das próprias pessoas trans e travestis. A pesquisa se baseia em um estudo documental, com foco na própria trajetória de Professora de Artes Trans na rede municipal de ensino. Anseio desvelar as violências, os desafios e as possibilidades de resistência que permeiam essa vivência escolar. A metodologia qualitativa permite uma compreensão mais aprofundada e contextualizada dos fenômenos investigados, proporcionando uma visão mais ampla e significativa das experiências dos Corpos[carne] Travesti na educação conforme delimito os pontos de paragem do percurso.

Além da abordagem qualitativa, utilizo a metodologia da cartografia como uma ferramenta complementar para a investigação das experiências dos Corpos[carne] Travesti no contexto educacional. A cartografia consiste em uma prática de mapeamento e visualização dos territórios vividos, das relações e dos fluxos que se estabelecem nesses espaços. Por meio da cartografia datilografada, com palavras-chave relacionadas à pesquisa, busco explorar e representar as vivências, os desafios e os enfrentamentos

---

<sup>2</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Intersexo, Assexuais, Pansexuais e mais.

enfrentados pelos Corpos[carne] Travesti ao acessarem diferentes espaços educacionais. Essa abordagem permite uma leitura sensível e reflexiva das experiências, possibilitando identificar padrões, contradições e possibilidades de transformação no campo da educação. A cartografia se torna uma forma de expressão e de representação das trajetórias e dos deslocamentos do Corpos[carne] Travesti, contribuindo para uma compreensão mais ampla e contextualizada da temática investigada.

Dessa forma, a cartografia se apresenta como uma metodologia potente para a pesquisa em artes, já que permite a construção de narrativas visuais e espaciais que expressam a complexidade das experiências estéticas e culturais dos sujeitos envolvidos.

Segundo Richter e Oliveira (2017),

A cartografia não possui um único método de utilização, não apresenta uma forma fechada. Cada pesquisador encontra-se nela, e com ela. Ele terá de inventar as suas próprias regras na medida em que faz associações em sua pesquisa, passando a fazer parte deste território. Pesquisador e pesquisa, compondo um todo, que não é fechado. (RICHTER, OLIVEIRA, 2017, p. 36)

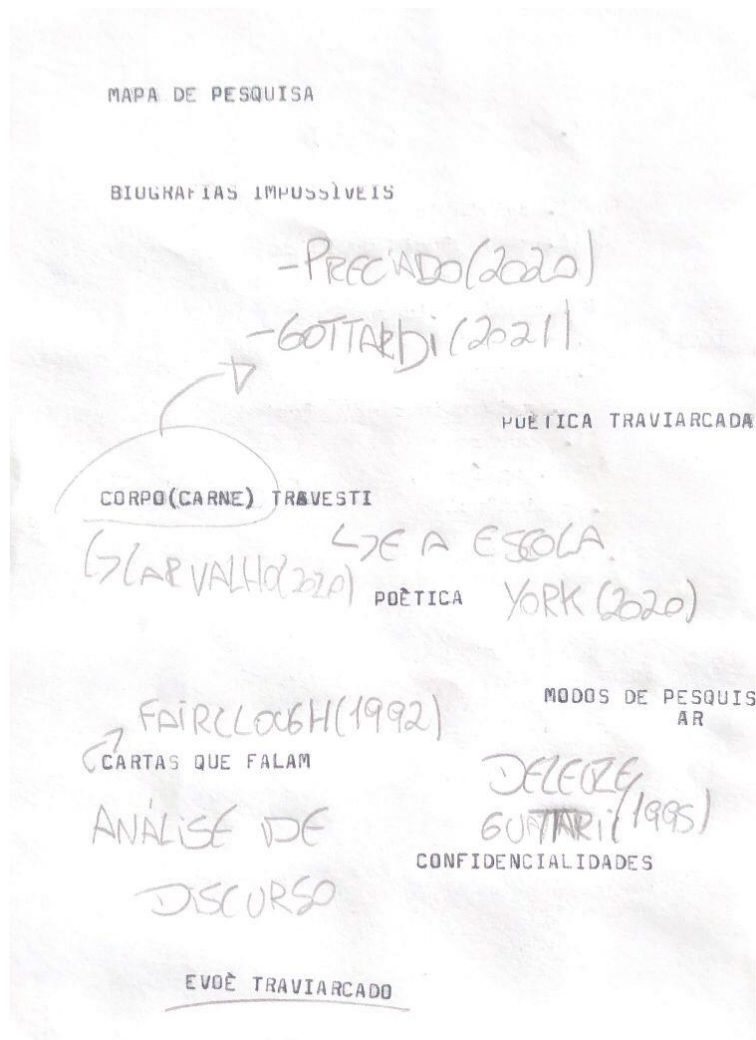
O método de cartografar surge com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), por meio de cinco volumes, que compõem os Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, publicados pela primeira vez no Brasil em 1995. Uma metodologia que busca visualizar e compreender diferentes perspectivas e experiências estéticas e culturais em um determinado contexto. Em artes visuais, a cartografia é utilizada como um instrumento de mapeamento das produções artísticas e dos processos criativos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Ela permite a construção de narrativas visuais e espaciais que expressam a complexidade das vivências dos sujeitos, bem como a reconfiguração de territórios e identidades a partir da inclusão de diferentes saberes e perspectivas. Dessa forma, ela se apresenta como uma metodologia potente para a presente pesquisa, já que permite uma abordagem mais ampla e coletiva das produções artísticas, considerando as múltiplas subjetividades e experiências envolvidas no processo.

Ilustrada em Figura 1 – Mapa da Pesquisa I e Figura 2 – Mapa de Pesquisa II, onde apresenta-se a forma como se desenvolve esta pesquisa.

Neste sentido, esta investigação assim se caracteriza por discutir cartas remetida de estudantes para o Corpo[carne] Travesti que relata esta pesquisa., assim, relato e discuto o lugar do Corpo[carne] Travesti enquanto formadora no ensino básico público

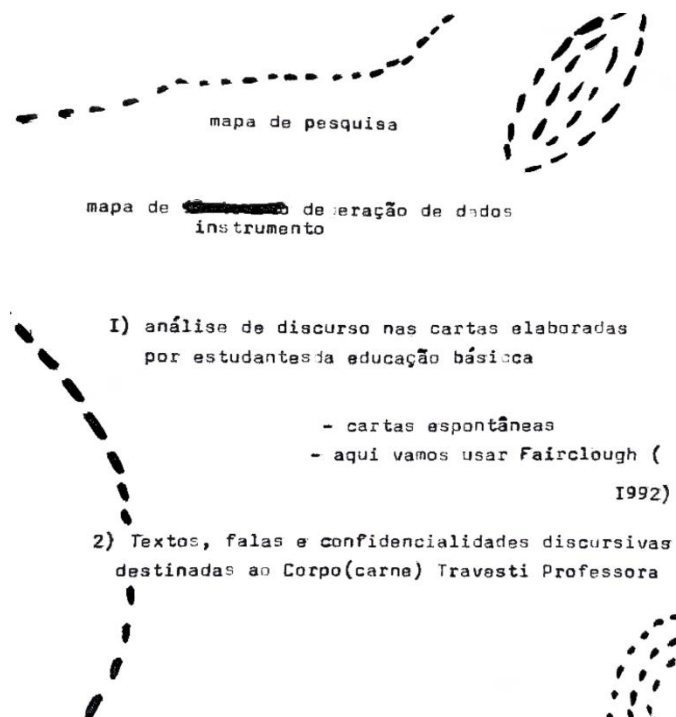
em meio a conquistas e desafios de ser um Corpo[carne] dissidente. Nos dados analise-se o discurso e desenhos elaborados por estudantes da educação básica da rede municipal de Brusque/SC.

Figura 1 – Mapa de Pesquisa I



Fonte: Elaborado pela Autora (2023)

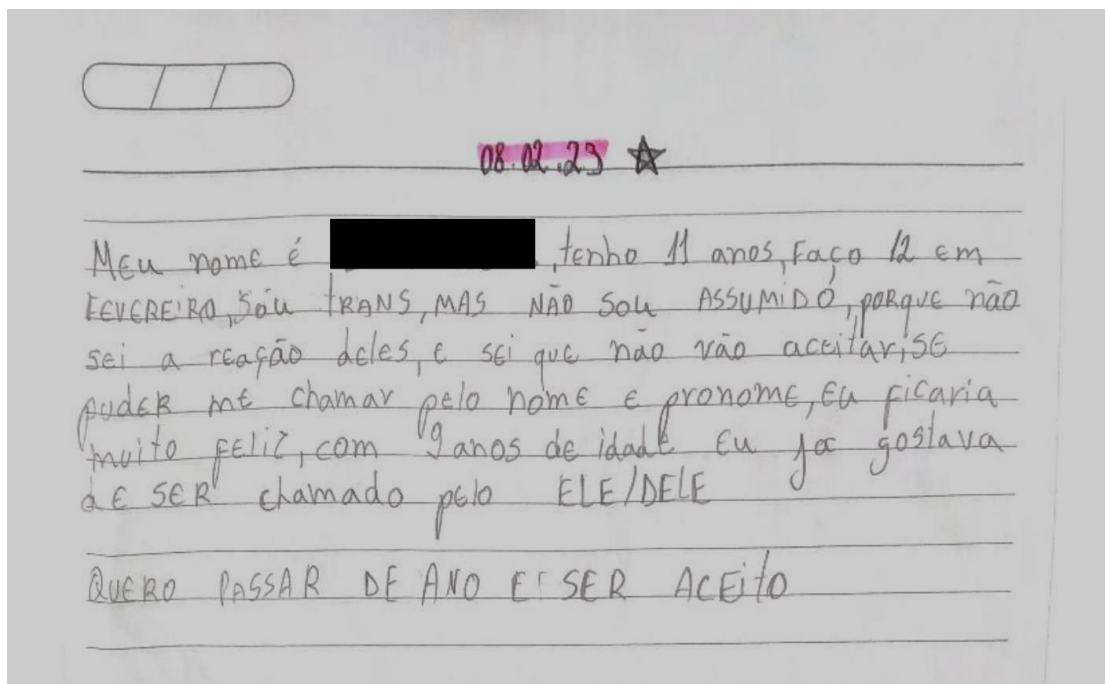
Figura 2 – Mapa de Pesquisa II



Fonte: Elaborada pela Autora (2023)

## Cartas ao Corpo[Carne] Travesti

Figura 3 – Carta I entregue por um estudante



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Com base na perspectiva de Fairclough (2003), o estudo de cartas e confidencialidades pode ser visto como um objeto de análise importante para a compreensão das relações sociais e das ideologias que permeiam as práticas discursivas em diferentes contextos. Nesse sentido, a análise desses documentos pode contribuir para a identificação de elementos simbólicos e visuais presentes nas cartas e para a compreensão de como tais elementos são utilizados na construção de significados e sentidos. No estudo específico sobre estudantes da educação básica e o Corpo[carne] Travesti, as cartas e confidencialidades podem fornecer informações importantes sobre as relações de poder e dominação que são construídas em torno desses corpos, bem como sobre as estratégias discursivas utilizadas pelos estudantes para resistir ou se adaptar às normas e convenções sociais em relação a tais corpos.

A Figura 3 – Carta I entregue por um estudante, que nos é apresentada traz consigo um forte apelo. Nela, observo a fala de um estudante se apresentando como um garoto trans não assumido. Através do texto presente, podemos perceber a dor e o medo que este estudante sente em relação à sua não aceitação pelos colegas de classe. No entanto, mesmo com todo o sofrimento e angústia, ele não desiste e pede para ser chamado pelo seu nome social. É importante notar que essa identificação é algo que ele carrega consigo desde os nove anos de idade, o que nos leva a refletir sobre a importância da aceitação de cada um como pessoa única e singular. A imagem termina com uma frase: "Quero passar de ano e ser aceito". Essa frase é um pedido de ajuda e de reconhecimento, não apenas como estudante, mas também como ser humano. A entregue por um estudante, nos convida a pensar sobre o discurso de inclusão e do respeito às diferenças, e nos mostra que a luta pela aceitação ainda é uma realidade presente na vida de muitos jovens trans, e que é preciso continuar lutando por uma sociedade mais justa e igualitária. Receber essa carta no primeiro dia de aula trouxe à tona a realidade vivida por muitos jovens trans e a importância de criar um ambiente escolar acolhedor, que respeite as identidades de gênero e promova a igualdade e a diversidade. Essa carta e seu conteúdo servem como um lembrete constante de que ainda há muito trabalho a ser feito para garantir a inclusão e o respeito aos Corpos[carne] Travesti no contexto educacional e em toda a sociedade.

Para Serano (2007), a aceitação é fundamental para que as pessoas trans possam viver suas vidas de maneira autêntica e sem discriminação. Ela enfatiza que a aceitação não deve ser apenas uma questão de tolerância, mas sim de reconhecimento e celebração das diferenças. Para a autora, este é um processo em que tanto as pessoas trans quanto as

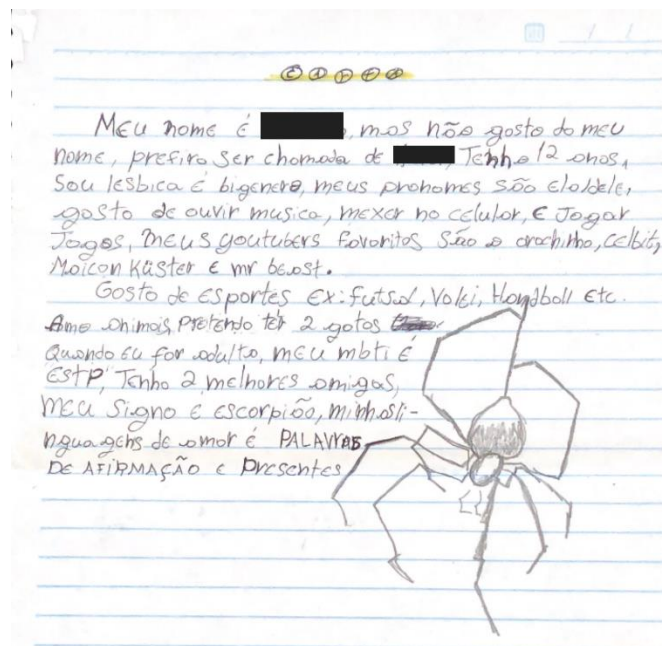
peças cisgênero precisam se engajar, para que sejam criadas comunidades inclusivas e acolhedoras para todos os gêneros e identidades. A aceitação não deve ser confundida com a mera tolerância, mas sim como um reconhecimento pleno da identidade de gênero das pessoas trans, e como um compromisso em lutar contra a transfobia e por políticas que garantam a inclusão e o respeito às pessoas trans na sociedade brasileira.

A Figura 4 – Carta II entregue por um estudante, apresenta um jovem de 12 anos que se identifica como lésbica e bigênero, demonstrando um conhecimento e compreensão, que abarca o discurso de sua identidade de gênero e orientação sexual desde cedo. Essa é uma realidade cada vez mais presente na sociedade atual, em que as novas gerações estão sendo expostas a uma diversidade de identidades não normativas desde cedo, seja por meio de informações na mídia, da convivência com amigos e familiares ou do acesso à internet e que estão presentes em todas as cartas a serem analisadas, seja no próprio texto, ou na representação em desenhos.

Esse conhecimento prévio sobre identidades não normativas pode ser benéfico para esses jovens, permitindo que eles se sintam mais seguros e confiantes em sua identidade, além de possibilitar que possam expressar suas emoções e sentimentos sem medo de julgamento ou discriminação. No entanto, também é importante destacar que essa exposição precoce a informações sobre identidades não normativas pode gerar conflitos e desafios, principalmente quando não há um ambiente seguro e acolhedor para o desenvolvimento dessas identidades.

Assim, é fundamental que a sociedade em geral, incluindo famílias, escolas e demais instituições, se preparem para lidar com essa diversidade e ofereçam um ambiente seguro e acolhedor para o desenvolvimento dessas identidades. Isso inclui políticas públicas que garantam o respeito aos direitos das pessoas LGBTQIA+, além de espaços de acolhimento e apoio para esses jovens e suas famílias. A diversidade de identidades é uma realidade da sociedade contemporânea, e é preciso que haja um esforço coletivo para que todas as pessoas possam ser respeitadas e valorizadas em sua singularidade.

Figura 4 – Carta II entregue por um estudante



Fonte: Acervo da Autora (2023)

A frase "essa só eu", que busca dizer "essa sou eu", presente na carta da aluna da 3ª série do ensino fundamental na Imagem 5 - Carta III entregue por uma estudante, é um exemplo claro de como as crianças já estão se expressando em relação à sua identidade de gênero e sexualidade desde cedo. Mesmo com a grafia incorreta, a frase transmite a ideia de singularidade e individualidade, de que cada um tem sua própria identidade única e especial. Ainda que a criança não tenha elaborado mais sobre sua identidade, o fato de incluir uma pessoa com a bandeira LGBTQIA+ na Imagem sugere que ela está ciente do discurso sobre a existência de outras identidades além da cisgênero e heterossexual. É importante destacar que a inclusão de representatividade LGBTQIA+ na escola é fundamental para que as crianças possam se sentir acolhidas e representadas, assim como para promover a tolerância e o respeito às diferenças.

A Carta III entregue por uma estudante mostra a necessidade de uma educação mais inclusiva e diversa desde a infância, para que as crianças possam crescer com o entendimento de que as identidades não normativas são válidas e merecem respeito. Afinal, a construção da identidade é um processo contínuo e se inicia desde cedo, sendo fundamental que a escola seja um espaço seguro e inclusivo para todas as crianças.

Imagem 5 – Carta III entregue por uma estudante

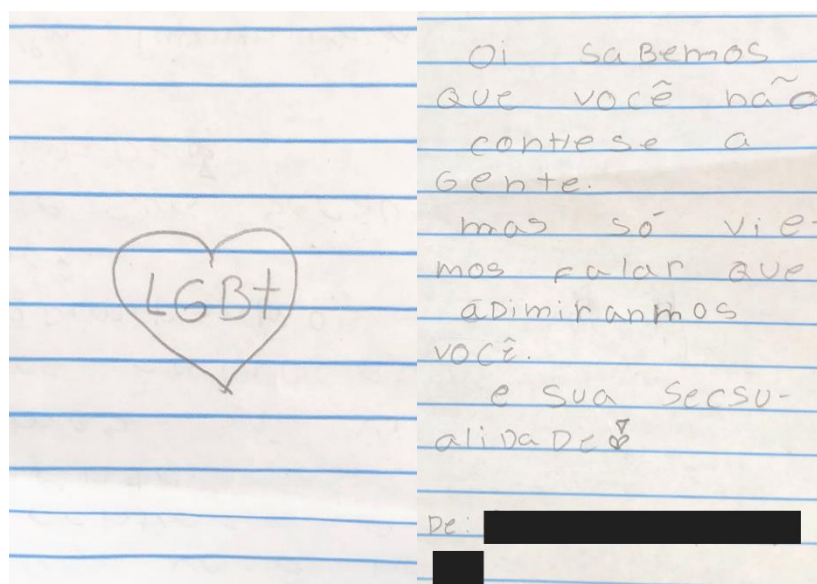


Fonte: Acervo da Autora (2022)

A Figura 6 – Carta IV entregue por três estudantes, traz consigo uma série de reflexões importantes sobre o preconceito e a discriminação sofridos pela população LGBTQIA+ e a dificuldade em sua aceitação em instituições educacionais. Ao receber a Carta V, a qual trata de apoio e admiração pela identidade de gênero, descrita como “orientação sexual”, o Corpo[carne] Travesti é reconhecida em sua existência e individualidade.

Entretanto, a escola reagiu de forma negativa a essa demonstração de apoio e solidariedade. A repreensão da escola, alegando que meu Corpo[carne] Travesti estaria influenciando negativamente os jovens, revela a falta de preparo das instituições educacionais para lidar com as questões de diversidade de gênero e sexualidade. Essa situação evidencia novamente a necessidade de políticas educacionais que visem à promoção da inclusão e da diversidade, por meio da valorização da cultura LGBTQIA+ e da garantia dos direitos dessas pessoas.

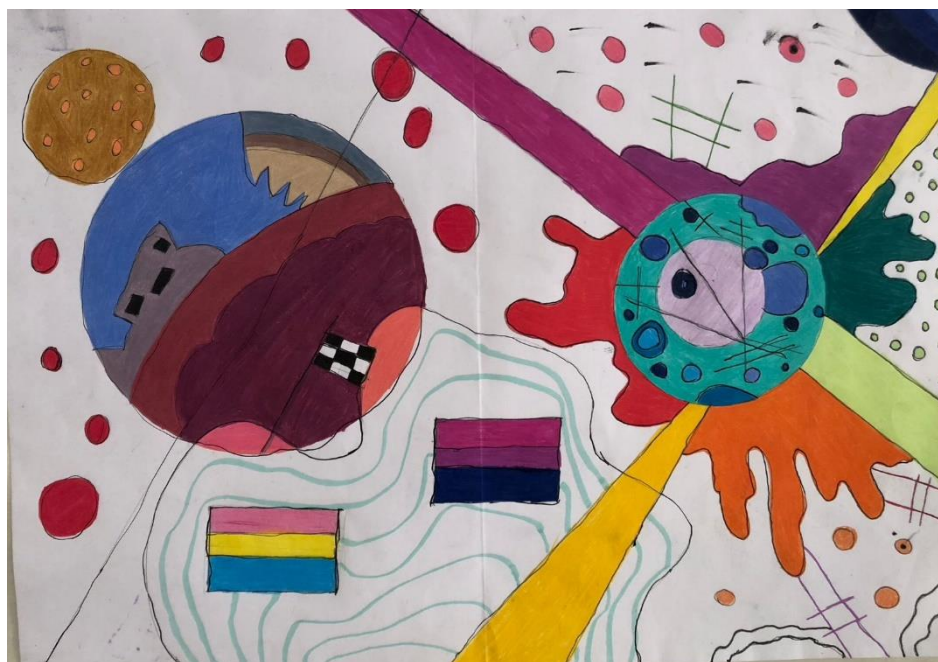
Figura 6 – Carta IV entregue por três estudantes



Fonte: Acervo da Autora (2022)

A Imagem 7 – Carta V entregue por duas estudantes, com o desenho abstrato e bandeiras pansexual e bissexual, feita por duas alunas do 9º ano e entregue a professora, mais uma vez podem vista como um exemplo de como os jovens estão se aproximando cada vez mais de identidades não normativas e se mostrando mais abertos a explorar e entender sua própria sexualidade, ou seja, o discurso sobre gênero é apresentado junto da composição visual. As bandeiras pansexual e bissexual representam identidades sexuais que fogem do binarismo heterossexual e cisgênero, mostrando que a diversidade sexual é uma realidade que deve ser respeitada e celebrada.

Imagem 7 – Carta V entregue por duas estudantes



Fonte:

Acervo da Autora (2023)

Todas as cartas analisadas neste estudo possuem uma forte relação com o Corpo[carne] Travesti. Cada uma delas traz consigo histórias e experiências que refletem as vivências e desafios enfrentados por pessoas LGBTQIAP+, especialmente no contexto educacional.

As quais apresentam o discurso sobre gênero destinadas ao meu Corpo[carne] Travesti, sem solicitação, apenas entregues pelo simples gesto simbólico de colocar um papel dentro de um envelope e entregar ao destinatário. Cartas essas que refletem as diferentes identidades de gênero e orientações sexuais presentes na escola.

Em algumas, pudemos perceber a importância da aceitação para as pessoas trans, que enfrentam preconceito e discriminação baseados em normas de gênero heteronormativas e binárias. Por outro lado, também foi possível observar o conhecimento e a compreensão cada vez mais precoces de identidades não normativas por parte dos jovens, o que representa uma mudança positiva na sociedade, pelo simples gesto de endereçamento ao Corpo[carne] Travesti.

Essas cartas revelam as dores, as angústias, mas também as lutas e as aspirações dos estudantes em relação à sua identidade de gênero e à forma como são percebidos e tratados pela sociedade.

Ao compartilharem seus pensamentos, sentimentos e experiências por meio dessas cartas, os estudantes proporcionam um olhar íntimo e genuíno sobre as questões que envolvem o meu Corpo[carne] Travesti. Eles expõem suas inseguranças, os desafios de serem reconhecidos em suas identidades, as dificuldades de enfrentar o preconceito e a discriminação, assim como a busca por aceitação, respeito e inclusão, na relação com meu Corpo[carne] Travesti.

Entretanto, as reações negativas da instituição escolares à manifestação dessas identidades reforçam a necessidade de uma educação inclusiva e respeitosa com a diversidade de gênero e orientação sexual. As cartas apresentadas evidenciam a importância de se reconhecer e celebrar as diferenças.

A “[...] navalha debaixo da língua, está no meio travesti desde os anos 70/80 do século XX, quando muitas eram presas por prostituição e como protesto, escondiam o objeto para se automutilarem.” (Lopes, Mutuana, Gomes, Marinho, Amaral, Guimarães, 2020, p. 56) Ao estabelecer uma relação com a escola, é possível refletir sobre a importância de criar um ambiente seguro e acolhedor para estudantes travestis e transgêneros. Assim como a navalha representava uma forma de autodefesa para as pessoas travestis nas décadas passadas, a escola tem a responsabilidade de garantir a segurança e proteção desses estudantes, oferecendo um espaço livre de discriminação, preconceito e violência.

A presença da navalha debaixo da língua também pode ser interpretada como uma metáfora para a invisibilidade e a repressão que os corpos travestis enfrentam. Assim como a navalha estava oculta, as identidades e vivências travestis muitas vezes são silenciadas e marginalizadas na sociedade e, por vezes, na própria escola. Portanto, é fundamental promover a visibilidade, o reconhecimento e a valorização dos corpos travestis no ambiente escolar, criando espaços de diálogo, respeito e inclusão.

A citação nos lembra que a autodefesa vai além da autopreservação física. Ela engloba também a defesa da identidade, da dignidade e dos direitos das pessoas travestis. Nesse sentido, a escola deve se engajar na desconstrução de estereótipos, na promoção da diversidade e na educação para a igualdade de gênero, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

Ao relacionar a citação com a realidade escolar, percebemos a importância de superar as barreiras, os preconceitos e as violências que permeiam a experiência das pessoas travestis. A escola tem o papel de ser um espaço de acolhimento, empoderamento

e transformação, onde todas as identidades são respeitadas e valorizadas. Dessa forma, podemos caminhar em direção a uma educação mais plural, emancipadora e comprometida com a garantia dos direitos de todos os estudantes.

### Considerações finais

Com base nas leituras das cartas apresentadas, foi possível perceber a importância da representatividade e da aceitação na vida de jovens LGBTQIA+. Através das cartas, podemos ver que muitos jovens se sentem sozinhos e sem apoio em relação às suas identidades de gênero e orientações sexuais. No entanto, quando encontram figuras que representam essas identidades e recebem apoio de pessoas próximas, como amigos e professores, se sentem mais confiantes e capazes de expressar suas identidades sem medo.

As cartas também mostram como as identidades não normativas são cada vez mais conhecidas e compreendidas pelos jovens, o que é um grande avanço para a sociedade. É importante que as escolas e professores estejam preparados para lidar com a diversidade e criem ambientes inclusivos e acolhedores para todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

### Referências

- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 11. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013. 516p, il.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- GOTTARDI, Pedro. **Educação estética, docência e poiésis: epifanias e visceralidades em uma investigação a/r/tográfica de um corpo[carne]**. 2021. 117 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2021.
- KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones Unad**, Bogotá, v. 14, n. 2, p. 55-73, jul. 2015.

LOPES, Luísa Ferreira; MUTUANA, Thalia Nogueira; GOMES, Guilherme de Castro Moraes; MARINHO, Mariana Nunes; AMARAL, Yasmim Ferreira do; GUIMARÃES, Emanuely de Araujo Manhães. Diaba: as semiosferas do cotidiano das travestis brasileiras. **Discente Uniflu**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 45-62, jul. 2020.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em urano**: crônicas de travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RICHTER, Indira Zuhaira; OLIVEIRA, Andréia Machado. Cartografia como metodologia: uma experiência de pesquisa em artes visuais. **Paralelo31**, [s. l], v. 1, n. 8, p. 28-38, jul. 2017.

SERANO, Julia. **Whipping Girl**: a transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity. emeryville: Seal Press, 2007.

YORK, Sara W. **Tia, você é homem? Trans da/na educação**: des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de pós-graduação. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.